

EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICAS CORPORAIS ORIENTAIS NA ESCOLA DO SÍTIO

Desiderio, Andrea
Escola do Sítio
GEPEFE¹

Meu nome é Andrea Desiderio, sou a professora-pesquisadora que realizou esta pesquisa e a está tornando pública. Este trabalho apresenta como foi desenvolvido o tema Práticas Corporais Orientais, com uma turma de 5º ano, em 2008, na Escola do Sítio, Campinas, interior do estado de São Paulo, local onde desenvolvo meu trabalho. O relato contempla aspectos importantes sobre o projeto político pedagógico da escola e como a educação do corpo está inserida neste contexto. Será apresentado todo o processo de construção deste assunto, seus resultados e embasamento teórico que orienta as aulas.

Palavras-chave: Práticas corporais orientais; Educação Física Escolar; Escola.

Sabe-se que a Educação Física (EF) foi inserida na escola, por volta do século XVIII e XIX, por motivos relacionados a área médica e militar, que unidas fortaleceram a questão do nacionalismo, fortificando, educando, endireitando corpos, tornando-os servis á pátria. Após essa ligação direta da EF com a área da saúde e da “ordem” federal o esporte ganhou força devido ao envolvimento com princípios capitalistas de rendimento e concorrência. Muito do imaginário coletivo da sociedade que vivemos apresenta, ainda hoje, quatro esportes coletivos como sendo os objetos de “estudo” da educação física escolar. Pode-se dizer que esta concepção está sendo modificada desde a década de 1990 devido a pesquisas sobre a cultura corporal.

A Escola do Sítio, local onde esta pesquisa foi realizada, foi fundada há 32 anos e desde então opta por um currículo aberto no qual participação dos alunos é incentivada sendo parte fundamental no ensino aprendizagem. Desde 1998 a escola decidiu trabalhar por projetos, baseando-se nos estudos da Universidade de Barcelona a este respeito. Este tipo de trabalho possibilita ao aluno construir critérios, resolver problemas, interpretar e analisar criticamente. Diretamente relacionado a esta proposta está o objeto propositor ou deflagrador (FERNANDES, 2007) que é apresentado às turmas de 1º a 5º ano todo início de ano letivo e este, escolhido aleatoriamente muitas vezes, é carregado de simbologias que possibilitam questionamentos por parte dos alunos e professores, sendo o “estopim” para se trilhar o caminho que será percorrido. Este ano, um desses objetos teve relação direta com o planejamento das aulas de Educação Física da turma do 5º ano.

A proposta de EF que esta escola aborda para as turmas jardim, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano, baseia-se fundamentalmente na pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani, sendo conhecida na área pelo nome de crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e que tem, nos diferentes temas da cultura corporal (ginástica, jogos, lutas, esporte, dança entre outros), seu objeto de estudo. O estudo sobre corpo fora planejado pensando em ser fruto de uma reflexão: diagnóstica, judicativa e teológica. As aulas contemplam aspectos históricos, lúdicos e sociais acerca do tema e os pensam como algo socialmente construído, como algo a ser aprendido, a ser demonstrado, a ser assistido, a ser refletido e a ser modificado,

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa sobre educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Unicamp, coordenado pela profª Drª Eliana Ayoub e ligado ao LABORARTE

corroborando com o apresentado pelo Grupo de trabalho pedagógico UFPe (1991) a respeito do Esporte, juntamente com Ayoub (2003) acerca da Ginástica Geral.

No início deste ano recebi uma notícia que me alegrou profundamente, “passei de ano mais uma vez!” Explico-me. No ano que ingressei como professora de Educação Física na Escola do Sítio (2006) meu contrato de trabalho era para ministrar aulas nas seguintes turmas: jardim, 1º, 2º e 3º ano, porém no início do ano seguinte me ofereceram também a turma que do 4º ano, aceitei. Neste ano aconteceu o mesmo, e me foi oferecido o 5º ano. No mesmo instante da notícia me vieram à cabeça novas indagações e várias “idéias”. A cada ano fui amadurecendo, não que esteja “pronta”, como professora e pesquisadora, pude experimentar, ousar, arriscar, errar e acertar, e com essa turma está sendo assim.

A primeira inovação deste ano, foi a inclusão de um novo tema, que surgiu em conversa com a professora generalista que os acompanha. O objeto deflagrador para eles seria um “bonsai” e ao saber esta informação arrisquei-me a pensar na possibilidade de incluir o tema “práticas corporais orientais” em nosso planejamento. Sendo assim o objetivo deste trabalho é apresentar a trajetória realizada desde o “aparecimento” da temática, todo o processo de construção do conhecimento sobre o assunto e seus resultados. Tal proposta justifica-se pela apresentação de parte da riqueza da cultura corporal, que possibilita o aprendizado de uma linguagem produzida e transformada por corpos em diferentes culturas.

O ano letivo foi iniciado e o bonsai levou a turma ao estudo sobre o Oriente e o que o compõe. Novidade! Tanto pra eles, quanto para mim. Iniciamos o ano de 2008 com este desafio, estudar sobre as práticas corporais orientais. Como fazer? Primeira dúvida que me instigou. “Pesquisando.”

Após conversarmos, eu e os alunos, sobre origens, “raízes”, tema bastante discutido com esta turma no ano passado com a professora generalista, devido ao objeto deflagrador daquele ano, chegamos a explicação sobre quais seriam as práticas corporais orientais: “As que tem suas raízes no oriente”. Sendo assim, este era nosso objeto de pesquisa. Preparei um questionário para a pesquisa, que poderia ser realizada em forma de entrevista ou bibliográfica, buscando encontrar “possíveis” práticas corporais que aparentemente tem suas raízes no oriente. Muitos foram os resultados: jiu-jitsu, yoga, tae kwon do, kung fu, sumo, futebol, karatê, pipa, judô, aikidô, lian gong, tai chi chuan e meditação.

Neste mesmo questionário havia outra questão, na qual o aluno escolheria uma destas práticas e pesquisaria sobre sua origem, que tipo de pessoa pratica, como se realiza esta atividade, como ela é ensinada entre as pessoas e se fosse possível, classificá-la como Ginástica, Esporte, Arte Marcial, Circo, Dança ou Brincadeira.

Após esta primeira etapa cada aluno escolheu um tema para aprofundar a pesquisa e posteriormente apresentar para a turma. Criamos então um “roteiro para apresentação de trabalho” que contemplava os seguintes itens: Definição do tema; origem da prática corporal escolhida (lugar, época e função que possuía); objetivo dessa prática; apresentar características da prática (ambiente onde é realizada, objetivo atual, vestimentas, pessoas que praticam entre outras) e curiosidades. O trabalho poderia ser realizado em dupla e deveria ser apresentado por escrito e oralmente. O trabalho escrito deveria conter capa (como o nome do aluno e da escola), texto com os itens citados a cima e as referências utilizadas. Para a apresentação oral foi sugerida a utilização de objetos que façam parte dessa prática, como roupas e utensílios, e que demonstração da gestualidade característica.

Os temas escolhidos foram os seguintes: tai chi chuan, lian gong, karatê, aikidô, judô, yoga, tae kwon do, futebol e kung fu. Enquanto os alunos preparavam as pesquisas eu apresentei sobre sumo e pipa.

Após 15 dias da entrega do roteiro iniciaram-se as apresentações das pesquisas, a cada aula um tema era abordado e realizávamos as apresentações orais e também práticas de cada atividade. Após a apresentação oral era aberto um espaço para que os ouvintes fizessem questionamentos.

O resultado das pesquisas foi por mim classificado como “ótimo”, pois tanto os alunos como eu, respeitando as individualidades, pudemos aprender sobre diversas práticas corporais, e também sobre pesquisa, sobre nosso papel como agente social, sobre como apresentar trabalho escrito e oral, a história de cada uma dessas práticas, como assistir, como se preparar para perguntar, fazer relações entre outros ganhos. Os relatos dos alunos também indicaram aspectos positivos deste tipo de pesquisa, exemplo: “*Infelizmente muitas artes marciais se tornam esportes de competição e perdem a origem para que foram criadas*”.

Alguns aspectos negativos também foram apresentados pelos alunos, como por exemplo, o tempo de uma aula foi indicado como “curto” para apresentar tudo o que haviam planejado.

Muitas vezes os professores se sentem intimidados ou amedrontados ao deparem-se com assuntos que não dominam, porém devemos olhar esses desafios como possibilidades de crescimento e seguindo o que apresenta Paulo Freire, admitir que somos inacabados. Certamente este assunto será contemplado em outros momentos e com outras turmas.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FERNANDES, Renata Sieiro. O professor pesquisador, a criança e o tema da morte no espaço escolar. In: *Ciência da Educação Unisal.Americana/SP*. ano IX. nº16, p.123-147, 1º semestre 2007. Acessado em 29 de Maio de 2008.

AYOUB, Eliana. *Ginástica Geral e Educação Física Escolar*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. *Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aula.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Solicita-se: Data-show (projeter) com cabo para laptop e caixa de som.